

Escriptorio
Rua Concordia n. 6

Director: Tacito Pires

REDACTORES

Esperidião Galisto e Alcibíades A. dos Santos.

Assignaturas

Anno... 10\$000 | Semestre... 5\$000

... Trimestre... 2\$500

Pagamento adiantado

Gerente: Vital Baptista

Administrador: Felipe Bastachio

JORNAL DO POVO

19 de Junho de 1904

Monsenhor Diogo S. da Silva Larangeira

Houve um tempo e não mui longe vae, em que o Seminario Episcopal do Rio Grande do Sul, occupado por um bispo virtuoso e digno, não era a tetra hospedaria dos negros filhos de Loyola, mas um foco de luz benéfica e doce que dalli se espargia sobre o povo.

Houve um tempo em que as classes proletrias, em que o povo em geral olhava aquelle casarão com carinho e respeito, porque allí não se albergava a hypocrisia, mas aninhava-se a bondade; porque allí não se occultava malicia e o vicio, mas morava a virtude.

Foi nesta época que o então conego Diogo juntou aos seus laureis de sacerdote intelligente e culto, o renome de virtudes que tanto o salientaram em todo o seu longo tircínio clerical e em seu trato no seio da sociedade, que deve-lhe o mais importante de todos os servicos — a instrução de uma geração inteira.

Foi desta época em diante que suas raras virtudes, tanto tempo occultas pelas cinzas de todas as fraquezas humanas que sua vontade herculeia destruía, não, podendo mais deixarem de apparecer, começaram a fazer o notavel aos olhos dos seus concidãos, dos seus coestudanos, que o queriam com aquelle culto sublime, mixto de respeito e admiração que todos nós votamos ás almas perfeitas, aos corações puros, aos caracteres sem jaça.

Mestre sabio e director justiceiro, nas aulas do Seminario, que tão bons servicos prestaram e que foram supprimidas pelo actual bispo, fez-se o amigo de seus alumnos e, mais que isto, o oráculo a que consultavam em todos os momentos e que era sempre prodigo de conselhos salutarees, de observações proveitosas.

A geração hodierna deve-lhe de certo em grande parte a instrução que a illumina.

O Monsenhor dr. Diogo Saturnino da Silva Larangeira foi um predestinado: nascido de origem humilima como todos os nossos, elevou-se por suas virtudes, por seu talento e por seu extraordinario preparo intellectual, ao apogeo do conceito que é o throno de uma sociedade alta e merito.

E o merito do illustre sacerdote era tamanho que se pôde contar pela altura em que estão collocados aquelles que o tentaram esmagar e que, ainda no momento em que estava moribundo, vibraram-lhe talvez o golpe extremo.

Ao grande clérigo morto rende o Exemplo nestas linhas o começo do preito de homenagem que lhe deve e que é a parca compensação do seu immenso valor.

As nossas associações

III

Os preconceitos

(Continuação)

No cumprimento do que nos compromettemos em nosso ultimo artigo, vamos esboadamente estudar todas as sociedades do nosso meio.

Um phenomeno altamente revelador da acção prejudicadora dos preconceitos de cor, de profissões, de trajas, etc., é a multiplicidade de associações que existem, ou por outra que se arrastam de crepitas de poder material e de força moral, no actual momento historico, servindo mais como um elemento deleterio do conceito que podemos ou devemos gozar do que de agente proveitoso na obra de nosso levantamento moral.

E o que dissemos prova-se assim. Qual a associação existente no nosso meio que por sua utilidade tornou-se o foco de todos os nossos esforços, o ponto

de reunião de todos nós? Qual aquella que se fez o porta-voz de nossos direitos, o echo dos reclamos de nossas necessidades? Qual o nosso gremio que poude, em momento dado, impôr-se pelo poder de seu numero ou sequer ao menos pela grandeza de seu scopo, o alcance de suas vistas?

Nenhum, infelizmente. Será isto devido os nossos serem retractorios á organização?

Não. Deve-se isto somente á precariedade subalternas de condições, de estado, de apparente e balofas dignidades convencionaes que tem parcelado os nossos de uma maneira ridicula e altamente prejudicial.

Si os nossos homens ao envez de esterilisaem sua actividade com a fundação de associações bailantes, onde o cuidado de apurar raças maior que o de apurar qualidades, os obriga a seleccionar elementos moraes são, porque são quasi creoulos, afim de evitar o contacto com a sua prole que é quasi branca; si, ao envez de seleccionarem carroceiros e carregadores para, no dia seguinte, não se terem de envergonhar ao ver passar guiando os burros ou sobraçando um fardo quem na vespera dançou com elles em um salão, occupassem-se em crear uma sociedade, uma grande liga, a uma instructiva, beneficente e recreativa, de maneira a não ferir seus prejuizos, de certo a pujança desta associação, a grandeza de seus fins, fazendo valer a collectividade, influiria de maneira benéfica sobre seus membros, já fazendo-os valer para os outros, já os estimulando em fazer-se valer moralmente, para assim tornarem-se dignos de serem queridos em um tal gremio.

(Continúa.)

Tempo ao tempo

O Progresso, este eterno bebé mamão que a humanidade não se cansa de amamentar-o, pois delicia-se em ver o endemoniado arto virar e revirar de pernas ao ar todos os seus costumes e haveres, como uma mãe carinhosa se compraz vendo o filho desgadelhar a nutrice com suas calamocadas infantis; o Progresso tem levado tudo de vencida, até as grades do jardim da praça da Matriz, mas, com o fogo de artificio da pombinha do Divino, com os traques e pistoões de Santo Antonio, S. João etc. é que elle, por mais que tenha-se esbofado, não tem conseguido acabar!

Estamos em plena época do foguetto fazer valer o foguete, como na quaresma o pescador sabe fazer valer o peixe.

Os próceres do catholicismo romano, nem compreendendo que a força dessa religião está na multiforme uzança porque o povo a seu talente a pratica, toleram que trechos mutilados de seu ritual, sejam entoados nestas festas domesticas, em louvor do santo do dia, com as quaes os crentes, satisfazendo a gula de sua ingenua fé, fazem os degraus da grande escada por onde a alma purificada elevar-se-á ao ceu, por entre os espiraes da fumeação desenfatiada da mocetosa, mesclada com o cheiro do incenso queimado na hora do terço, o espoucar de foguetes de assobio e ao som do te-deum executado pela orchestra de violões, flautas, baudurras e cavaquinhos.

E nós, que entendemos que, se ceu existe, só se poderá subir a elle pelos degraus da boa acção de contribuir para tornar celestial a vida infernal dos que soffrem, aqui na terra, as torturas da miseria, somos, de vez em quando, arrastados pela força das circunstancias a essas festas, onde se resando, comendo e dançando, não se sóbe ao ceu, mas se desce, não rara vez, para os xadrezes dos postos, quando a policia está de verna e bota de fora os matigútes da violencia.

E isso nos acontece porque pensamos que não se pôde de chofre ir de encontro aos costumes arraigados com a mesma facilidade com que um garoto salta um alambrado para furtar laranjas.

Correspondendo ao attencioso convite de umas devotas que se aggreiriam, sob a denominação de „Devoção de Santo Antonio“, fomos assistir a festa intima que em louvor ao milagroso santo levaram a effeito a noite de 13 do corrente.

A regente da festa, como a intitulavam as suas consocias, desenvolvendo a actividade exigida pela sua investidura, ora predeterminava os objectos para a recepção da commissão do festival, ora accumulava os convidados de estomachicas attentões, que muito nos regalava.

Apos a entrada da commissão, composta da festeira d. Francisca de Assis, das zeladoras Maria Salomé e Maria Serafina da Costa e do director Manoel Napomuceno, que fizeram se conduzir a collo, as senhoras, exhibindo combinadas toilettes brancas ensombradas de azul, e o moço director, fazendo pendant, ostentava calças brancas e gravata azul; após a entrada da commissão, diziamos, começou a festa por uma das zeladoras offereceu á devoção um bonito estandarte azul, o que a regente agradeceu em phrases entrecortadas pelas visiveis comomoções que lhe causava aquelle momento solemne, e finalisou, entregando a doadora do delicado mimo, um lindo bouquet de flores naturaes.

Em seguida foi resado o tradicional terço que o capellão cantava dando a voz as modulações que julgava necessarias para o effeito asctico e que acompanhava com o bimbalar continuo de uma sineta que empunhava; a cujo som todos curvavam a cabeça reverentemente persignando-se ou batiam beatificamente com as mãos nos peitos.

Afinal com o enfaze arrogante de quem recebesse delegação divina, chamou o capellão, cantando de pé:

Vinde peccador
Beijar nesta cruz
Onde por nós
Pereceu Jesus

Acabada a resa, principiou a dança, sustentada bizarramente pelo seu Neco que tocava na sua flauta escolhidas com posições para esse fim, acompanhado somente pelo seu compadre José, que sabe se mecher com um violão na mão; e o seu Neco teve que aguentar com o tirão sosinho porque, dizia elle, o seu Bernardo da concertina roera-lhe a corda, pois lhe promettera fazer-lhe companhia e por lá nem fumaça delle appareceu!

Este mez que para gaudio da grande irmandade, tem sido um mez de chuvas, mesmo assim não conseguiu pôr agua fria a fervura das alegrias humanas, tem sido tambem um mez de festas intimas sociaes e publicas.

Estivemos na festa intima com a qual a exma. sra. d. Margarida Rodrigues recebia as saudações de seus admiradores, por ter completado mais um anniversario. Nessa agradável reunião tive o prazer de ver o Filho estudando a maneira-mais-fácil de ser pae com uma interessante riopardense; e o Vespa aborrecido, querendo metter o ferrão na pequena por-ter ella implicado com o seu todo risonho.

Assistimos ao baile da sociedade „Centro Recreativo“ de onde nos retiramos penhorados pelo trato captivante que nos dispensaram os directores e de mais membros da directoria. Ao fazermos nossas despedidas fomos surpreendidos com uma eloquente saudação dirigida pelo orador da sociedade á qual correspondeu o nosso representante como Deus o ajudou.

O sr. Antonio Innocencio Jacob, pro-

porcionou aos seus amigos em sua residência, na noite de 13, um maravilhoso ensejo de tornar a noite tenebrosa e feia como foi a de Santo Antonio, em uma noite de regala da alegria; pois recebendo tambem nesta data os compromimentos por mais um anno de vida que contava, retribuía a fineza com tão attrahente diversão intima, que até agora ainda fruimos a grata empresão que della trouxemos.

Finalmente, logo á noite teremos os foguinhos de S. Manoel, onde espero ver a leitora tomando a fresca, porque aqui na cidade o ar está muito abafado.

LISCATO.

A dança

Hoje escrevo ás preças. Despedi a creada e as fainas domesticas não me deixam «parar em ramo verde».

Ha já quatro dias e um bocado que somente tenho comido ovos estrellados em todas comidas e hoje, um pouco aborrecido de ovos, trato de fazer um caldo, e não sei como sahir-me-ei da alhada.

Paro aqui para responder a pergunta que, me parece, estaes a fazer-me: — Por que despediste a creada?

Ora, a maldita rapariga tinha a mania de estar sempre a dançar.

Si passava uma banda militar a importunar-nos com o rachar de seus trombones, com os excessivos berros doutras fanfarras e não raramente com o bombo desafinado, punha-se a rapariga a dançar, isto desde ás sete da manhã até ás dez da noite e das dez da noite ás sete da manhã si por acaso o Rio de Janeiro ou João Pansa, passavam soprando suas flautas, ou um qualquer fazia gemer o pinho perto de casa.

No dia em que começou a servir-me confesso que não desgostei do gosto da rapariga.

Tinha escurecido havia já longo tempo e enfrente um terno dirigido pelo João Amaral a gritos de pistão, fazia as delicias de um grupo de amadores que dançavam desesperadamente, quando entrou em meu gabinete trazendome uma chicara de café, e perguntou-me:

— O senhor gosta de dançar o schottisch?

— Um tanto, — respondi-lhe.

— Quer dançar commigo? este que estão tocando ali em frente?

— Pois dançemo-l-o, — disse, agarrando-me a ella.

Deste esta noite o baile fez-se rei em meus dominios; e a rapariga muitas vezes, estando eu a comer, (que occasião inconveniente!) obrigava-me a levantar-me para servir-lhe de par.

As cousas assim não podiam ir muito tempo adante, sem graves inconvenientes. Uma occasião uma visita encontrou-me dançando uma havaneira em meu gabinete de trabalho, outra minha noiva, que horror! encontrou-me dançando um tango em meu quarto de dormir.

Que vergonha para mim um homem já maduro e de criterio!

Por isto a despedi, e não só por isso, eu digo aqui á puridade, mas tambem porque deixou-me com mel nos beiços.

Imaginem que já havia oito mezes que eu andava diariamente dança que dança com minha criada e que já me tinha acostumado a cousa. Pois bem agora disse-me ella que tinhamos que descaçar um par de mezes...

— E porque? — lhe perguntei, intrigado com a transformação.

A rapariga olhou-me, baixou os olhos e mais corada do que o horizonte em tarde de calmaria, disse-me:

E' como vê, outra qualquer mesmo mais leveza que eu, ha mais de um mez já não dançaria.

Por isso a despedi... e por isso estrello os ovos em mesmo e evito outras consequencias.

PIF—PAF.

Na igreja

No recincho da capella silenciosa,
Ante um altar, se ajoelhou com calma
Um menino e, com voz lacrimosa,
Com voz doida em que exhalou sua alma,

Orou assim: — Jesus, meu bom Jesus,
— Deus de bondade a quem imploro —
Que soffres pregado nessa cruz,
De dôr vê as lagrimas que choro.

— Jesus, bom Jesus, Deus de amor,
Resistue ao nosso lar a alegria,
Faz com que da paz a branca flor;
Nos dê seu doce aroma cada dia.

— Arranca ao vicio tentador,
A' embriaguez — a vil, a mesquinha —
Meu pae. Tem pena — ó Salvador!
De meu irmão, de minha irmanzinha...

— Meu irmão e minha querida irmã,
A mais pequena, a graciosa Friso,
Mão comem desde hontem de manhã
E como elles têm fome eu te aviso.

— Jesus, meu Jesus, por tuas chagas,
Ouve o que supplico com ancoio:
Muda em pão de meu pranto as bagas
Jesus, meu bom Jesus, em que eu creio!

Mas o Christo em madeira recortado,
Cathaleptico, frio e mudo,
Ao madeiro da fé acorrentado
Nada ouvia da prece do *miúdo*.

Um padre, entra e, vendo o menino
Ante a altar a chorar mui constricto,
Pedindo o pão tão descejado,
Grita: Por furtar estás afflicto.
Tão pequeno e n'arte já tão fino!
Foje d'aqui garoto malcreado!

E a pobre creança, soluçando,
Da igreja expulsa a empurrões,
Tendo do crime o pensamento
Que gangrena os corações,

Dizia de si para consigo:
— Sou creança, trabalhar não posso,
Não tenho um pae, que o pae amigo
Do vicio otragou o terrivel fosso.

— Olvidou os filhos meu pae, o Deus
De sua casa expulso-me já
Chamando-me garoto, ladrão!...
Que fazes quando pão não ha.
E choram por elle os irmãos meus?...
— Ser ladrão. Roubar, roubar o pão!
3º — 5 — 1904.

Dilucilino d'Alba.

O vicio dos dictados

«Um dictado na bocca de uma moça
é como um verme no bico de uma
pomba.»

«Seu Quinquim, num dos bailes do
Cassino, declara-se apaixonadamente a
d. Zoca. Ao sair, como insistisse numa
palavra ao menos que sancionasse o
seu amor, ella lhe diz, sorrindo galbo-
feira:

— Talvez te escreva!
— No outro dia, na porta da Colombo,
não ha uma só pessoa, que não saiba
que d. Zoca vae escrever a «seu» Quin-
quim. E assim se perde a reputação
de d. Zoca.

Dois moças conversam á portã de
uma chacara.

Um rapaz elegante assoma e, ao
passar por ellas, a mais espavitada
clama:

— Oh! ferro, p'ra que tanto aço?!
— O rapaz desespera e furioso e se-
co:

— Oh! moça, p'ra que tanto açanha-
mento?!

Ahi está, por causa do dictado, uma
moça insultada cara a cara.

Theodoro Roxo da Costa, bacharel
em sciencias e letras, desde o dia em
que virá d. Santinha, ficara com toda
a sua sciencia e todas as suas letras
transformadas em amor. Uma noite,
encontrando a num baile, pede-lhe a
honra de uma valsa.

— Falla-me logo á saída, responde a
virgem.

— A' saída! á saída não se dança,
minha senhora, retruca o bacharel.

— Tá bom, deixa! murmura a moça,
dando-lhe o braço.

No meio da sala, Theodoro Roxo da
Costa desengatilha a declaração:

— Minha senhora, si v. ex. imagi-
nasse a chamma crepitante de amor que
me queima a alma...

D. Santinha fita-o de improviso:
— Ué! que arara!

O bacharel que tem um nariz vene-
rando, encabula e cõra.

Minutos depois, recuperando o san-
gue frio:

— Mas então, v. ex. não acredita
que eu esteja flammeante enamorado?
— Eu não. Não sou cajú.

Cajú?! Seria possivel que aquella
moça fosse maluca? E alto, descul-
pando-se:

— Mas, minha senhora, eu não quiz
dizer que v. ex. fosse cajú. Não falei
em tal.

— Ora durma-se com um barullo
deste! diz a moça apouquetada.

Dormir?! Dar-se-ia o caso della que-
rer dormir num baile?

E delicadamente o bacharel pergun-
ta:

— V. ex. está mesmo com muito
somno!

D. Santinha fez um gesto de enfa-
do:

— Ora vá saindo de barriga!
De barriga?! Coitada! é maluca mes-
mo.

Um sabbado depois, á rua do Ouvidor,
Theodoro conversa num grupo de
rapazes, D. Santinha passa.

— Que bella moça! diz um delles.

Theodoro puxa-lhe o paletot:

— Larga!

— Por que?

— Ella soffre!

Por estas e outras é que um dictado
na bocca de uma moça é como um ver-
me no bico de uma pomba.

Pedro Mulas Artes.

Tomates

Nos que já demos tomates
A um typo malcriado,
Deixar de dar não podemos
A um explorador consuminado.

Tendeiro sem coração
Que explora alheias misérias,
E com aguçada lima
Sangra do pobre as arterias.

Pois, na rua da Ladeira,
Passa por pente-fino
Este agiota chacal,
Este truaão Saturnino!

Não lê o jornal de negros.
P'ra pagar a assignatura;
Mas, p'ra enforçar, negro, ou branco
Não escolhe o cara-dura!

Pifano Canguarino.

Beijo de sangue-suga

Quero um beijo sem fim

OLAVO BILAC

Horror! A' um beijo sem fim
so a idéa a pelle enruga!
Senhores, um beijo assim
é beijo de sangue-suga...

Este poeta *clarin*
de Gongora o bango aluga
e n'um beijo o mar enxuga!
E' bem capaz quanto a mim...

Zé.

Notas semanaes

Enfermos. — Em consequencia
de uma aggressão soffrida na madru-
ga de 8 do corrente, tem estado enfer-
mo o sr. Pedro Januario, economo do
Club Julio de Castilhos.

Destá aggressão de que, segundo nos
informou a victima, foi auctor o ex-
inspector da policia administrativa que
é conhecido pelo nome de Procopio, não
nos occuparemos por já estar no do-

minio do publico pela noticia de um dos
jornaes diarios d'aqui.

— Foi ha dias accommettido de grave
enfermidade o nosso amigo Faustino Sil-
vino da Conceição, que, felizmente, tem
obtido sensiveis melhoras.

Desejamos o prompto restabelecimento
dos mesmos.

Kermesse. — Estamos informa-
dos, que no proximo mez, a sociedade
«União dos trabalhadores em madeiras»,
organizará uma *kermesse*, com o justi-
ficado fim de auxiliar ao seu patrimonio.

Os cães. — Como bem avaliamos
a magoa que hade causar aos leitores
o verem engaiolados, com destino ao *juizo*
final, os seus estimados: *Jasmim, Doi-*
contigo, Rompe-ferrô, Comtigo se parece,
Leão, O teu nome, por andarem vagando
sem a gravata legal, chamamos a atten-
ção dos interessados para o edital *com-*
me il faut que abaixo transcrevemos:

INTENDENCIA MUNIQUPAL

De ordem do sr. dr.-intendente cha-
mo a atenção dos srs. proprietarios de
cães que se está procedendo á pega des-
ses animaes, por isso convidado aos mes-
mos senhores a virem satisfazer o pa-
gamento do imposto de conformidade
com a lei do orçamento em vigor (art.
1.º § 12 n. 2).

Os cães pegados acham-se depositados,
á rua S. João, junto ao forno do lixo,
pelo praso de 24 horas, ficando os srs.
proprietarios sujeitos, além do imposto,
á multa estabelecida no codigo de pos-
turas; fudo esse praso, serão os referi-
dos animaes mortos, não áttendendo-se
a reclamação alguma.

Os srs. proprietarios devem apresen-
tar a esta directoria a raça, pelle, nome
e mais signaes, característicos, que tem
o animal, recebendo para isso uma placa
junto á colleira.

O cão, além da colleira, deve andar
açaimado como determina a lei.

Directoria da fazenda da Intendencia
Municipal de Porto Alegre, 13 de junho
de 1904. — O director, *Labieno Jobim.*

Festa de S. Manoel. — Os feste-
jos em louvor a este santo, que come-
çaram a 16 do corrente, pelo triduo
realizado na capellinha do arrabalde,
do mesmo nome, terminarão, hoje, com
festa solemne, ás 10 horas da manhã,
sahindo, ás 3 horas da tarde, a' precis-
são, que fará o seguinte percurso: ruas
1.º de Março, Dr. Thimotheo, Marquez
do Herval, Coronel Bordini, Floresta,
até á capella de S. Pedro, voltando pela
mesma e subindo á Felix da Cunha.

«A Justiça». — Fomos honrados
com a visita do apreciavel periodico que
ostenta em seu cabeço este suggestivo
titulo: «A Justiça». E' director da re-
dacción o joven de reputado talento Al-
vares Sergio Massera, e director-gerente
o sr. Euclides F. Gomes; formando o
corpo redactorial os futuros jovens:
Alfredo Ludwig e Placido Gomes.

Gratos pela deferencia.

Os que se finam. — Sepultou-
se a 15 do corrente, em Viamão, a exma.
sra. d. Maria Paulina Rodrigues, que
tinha ido a passeio áquella villa, adoe-
cendo na residencia do nosso amigo Sa-
turnino Antonio da Foinseca, onde de-
seu o seu fallecimento.

— Falleceu nesta capital, a senhorita
Mercedes Barbosa de Oliveira Paz, fi-
lha da exma. sra. d. Liberata Barbosa
Paz, sendo o seu enterro muito con-
corrido.

Condolencias.

Comunicado. — Por falta de
espaço deixamos de publicar, no numero
de hoje, um «Comunicado», que nos
enviou um amigo da villa de Viamão.

De passeio. — Acha-se entre nós,
ha alguns dias, procedente do Rio Grande
onde é domiciliado, o sr. alferes Antonio
José do Anaral, que se hospeda com
sua exma. familia em casa do nosso com-
panheiro E. Calisto.

Feliz estada entre nós é o que de-
sejamos.

Calendario social

S. D. P. Floresta Aurora. —
Na noite de 24 do corrente, haverá
reunião do conselho desta sociedade, e
baile de que serão directores os senho-

res Conrado Alves Guimarães e Carlos
Haensel.

Anniversarios. — Fizeram an-
nos a 13 do corrente, os srs. Antonio
Innocencio Jacob e Carlos Christmann
d. Joanna Emilia de Sampaio, viuva do
malogrado cidadão Horacio E. de Sampaio;
fazem annos a 22, a distincta senhorita
Julia de Menezes Araujo; a 24, os srs.
João Baptista do Nascimento e João
Pereira Ramos.

O olhar da joven Lina

O teu olhar, joven Lina,
Magnetico, refulgente,
Quando nos fita domina
Com o seu poder attrahente...
O teu olhar joven Lina,
Magnetico, refulgente!

Sua luz revive e aquece
A um coração qual o meu.
Tão velho que até parece
Que no peito já morreu...
Sua luz revive e aquece
A um coração qual o meu.

Da palpebra semi cerrada,
Como reflexo de sol,
Infiltra-se a luz dourada
De um amoroso arrebol, —
Da palpebra semi cerrada,
Como um reflexo de sol.

Abrindo-a, os olhos meus
Se fecham em tal momento...
O fulgor que emanam os teus
Fazem tal deslumbramento...
Abrindo-a, os olhos meus
Se fecham em tal momento.

E caio em contradicção:
Se não me olhas, beldade.
Esfria-me o coração;...
Se me fitas a vontade
Não te posso olhar, então!
E caio em contradicção:
Se não olhas beldade!

Conserva, pois, fechadinho
Teu fulgido olhar, querida;
Perco a luz do meu caminho,
Mas olharte-ei toda vida.
Conserva, pois, fechadinho
Teu fulgido olhar, querida!

8-6-1904. *Sarahinho Progne.*

Typos

III

Veja-se agora o Rabello...
Da primeira vez que o vi,
disse de mi para mi...
— Deve chamar-se Camello...
— Aquella corcova atraz!
Casacão de russo-pello!
Jarretão e machacaz!
Sei agora que é Rabello.

Zé

Remedio para todos

Dores de dentes. — As dores
de dentes por mais rebeldes que sejam
não resistem á acção do seguinte:

— Tome-se uma mão cheio de brotos
novos de salceiro, macere-os e ponha-
se em infuzão em meia garrafa de espiri-
rito.

Quando a cor verde do liquido for
tomando uns tons amarellos filtra-se
e guarda-se bem arrollado.

Para as dores de dentes bastará lim-
par cuidadosamente a caverna, encu-
gala cautelosamente com um algodão
e depois de pôr nella um algodão bem
molhado, tapal-a ermeticamente com um
outro algodão secco.

As fricções deste licor são uteis em
casos de reumatismo e nevralgias.

Chheiro de tintas. — Todos con-
hecem os graves inconvenientes de ha-
bitar casas recentemente pintadas, mas
o que nem todos sabem é como se pô-
de fazer desaparecer o chheiro da agua-
raz e isto se faz assim:

Deita-se em algumas vasilhas de bar-
ro uma mistura de 250 grammas de
acido sulphurico e dous litro d'agua e
conserva-se a casa fechada durante 12